

A liturgia e o povo de Deus: lugar de encontro, de pertencimento e de constituição da Igreja

Danilo Cortez Gomes ¹

Resumo: Paradoxalmente, numa sociedade cada vez mais influenciada pelo racionalismo e relativismo e ao mesmo tempo com um desejo à transcendência, as comunidades cristãs católicas revelam um zelo aos ritos e sua profissão de fé a partir das suas particularidades intrínsecas e extrínsecas que caracterizam a Igreja. Apesar da diversidade e pluralidade na unidade eclesiológica, entende-se que há um “lugar” específico em que os católicos se encontram, se reconhecem e se sentem parte de um todo, isto é, na liturgia. Nesse sentido, este trabalho buscou fazer uma relação entre a liturgia e o povo de Deus, analisando-a principalmente no contexto atual de pandemia, visto que as orientações ocorridas nesse período, como o fechamento temporário das igrejas, trouxeram à tona a discussão sobre a importância, a necessidade e o valor sacramental da liturgia para a vida dos fiéis e do sentido de ser Igreja. Este estudo trata-se de um ensaio teórico com base em documentos do Magistério, especialmente do Concílio Vaticano II até o Papa Francisco. Por fim, acredita-se que a liturgia é o ponto de convergência da vida eclesial, ou melhor, é o centro e ápice para onde tudo converge e de onde as graças divinas são dispensadas continuamente.

Palavras-chave: Liturgia. Eclesiologia. Celebração. Missa. Sacramentos.

INTRODUÇÃO

Ir a Missa aos domingos, solenidades ou em dias de semana, para um fiel católico, é algo comum e parte integrante do seu cotidiano. É muito comum um adágio popular que afirma “Um domingo sem Missa é uma semana sem Deus”. No entanto, a pandemia da COVID-19 mudou consideravelmente essa participação ou ida dos fiéis às igrejas. De repente, nos encontramos encerrados em casa em plena Semana Santa de 2020 (e 2021) acompanhando o Tríduo Pascal, por exemplo, pela televisão ou *internet*. Além desse triste cenário, especialmente pelos inúmeras vidas ceifadas pelo vírus durante esse período, pudemos constatar um fenômeno razoavelmente novo, visto a intensificação do uso que foi as transmissões das Missas pelas redes sociais (Facebook, Youtube etc.). Junto a essas transmissões, diversas outras iniciativas surgiram, mais detidamente com conotação devocional, configurando uma “onda espiritual virtual” que atrai milhares de seguidores por todo o país.

Todavia, na esperança da volta a normalidade com a abertura das igrejas e o retorno da participação dos fiéis nas ações litúrgicas, alguns questionamentos surgiram em relação a esse “novo normal”, ressaltando-se que há um “lugar” específico em que os católicos se encontram, se reconhecem e se sentem parte de um todo, isto é, na liturgia. Desse modo, este artigo

1 Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Administração, Especialista em Gestão Pública e em Educação Profissional, Graduado em Administração e Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Atualmente é professor do IFRN. E-mail: danilo.cortez@ifrn.edu.br

fez uma relação entre a liturgia e o povo de Deus, analisando-a principalmente no contexto atual de pandemia, visto que as orientações ocorridas nesse período, como o fechamento temporário das igrejas, trouxeram à tona a discussão sobre a importância, a necessidade e o valor sacramental da liturgia para a vida dos fiéis e do sentido de ser Igreja.

O padre TRESE (1999, p. 340) ao comentar sobre a participação dos fiéis na Missa, enfatiza o papel importante que há enquanto membro da Igreja, desse Povo de Deus:

Na missa, cumprimos o nosso importante papel de membros do Povo de Deus – incorporados ao Corpo Místico de Cristo pelo Batismo – incorporados ao Corpo Místico de Cristo Jesus que nos fala nas leituras, no Evangelho e na homilia da missa. Nos momentos de silêncio, unimo-nos ao sacerdote nas orações que recita. A participação ativa na missa adquire uma significação renovada como supremo ato de culto que nós e os nossos irmãos coparticipantes oferecemos em união com Cristo.

Nesse sentido, defende-se neste trabalho que a liturgia é lugar de encontro, de pertencimento e de constituição da Igreja. Não se trata de uma conotação exclusiva de “lugar” enquanto espaço físico, mas numa concepção ontológica que reúne pessoas num só objetivo e propósito enquanto batizados. Vale destacar esse ponto, pois a liturgia está muito além das nossas percepções e sentidos. No livro *Introdução ao espírito da liturgia*, Ratzinger (2010) apresenta de forma muito interessante a relação deste mundo com o outro mundo – o céu – ao dizer:

(...) a adoração, que é o modo correto do culto e da relação com Deus, é constitutiva para a existência certa do Homem no mundo, precisamente porque vai para além do cotidiano, fazendo-nos participar no modo de existir no ‘céu’ do mundo de Deus, deixando assim entrar a luz do mundo divino no nosso. Neste sentido, o culto possui – como foi dito na análise do ‘jogo’ – efetivamente um carácter antecipado. (RATZINGER, 2010, p. 15)

Dessa forma, é na liturgia que ocorre o verdadeiro encontro do homem com Deus, do homem que carrega em si toda sua história, seus anseios e desafios. Na liturgia, o Logos se insere no Cosmo e ao mesmo tempo o conduz ao céu. De acordo com Ratzinger (2010), pode-se dizer que Criação, História e culto encontram-se numa correlação, pois a Criação aguarda pela Aliança, mas a Aliança pelo seu lado finaliza a Criação, ela não se move só ao lado dela. Contudo, o culto entendido como a alma da Aliança, significando que não é salvação apenas para o homem, mas que neste culto há uma integração de toda a realidade na comunidade com Deus. Em outras palavras, a liturgia é lugar de encontro, de pertencimento e de constituição da Igreja.

1 A LITURGIA E O POVO DE DEUS

Deus em Sua infinita bondade constituiu o Povo de Deus, conforme afirma um dos documentos basilares do Concílio Vaticano II:

Ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados. Por isso, este Povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os séculos, para se cumprir o desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou uma só natureza humana e resolveu juntar em unidade todos os seus filhos que estavam dispersos (Jo 11,52). Foi para isto que Deus enviou o Seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas (Hb 1,2), para ser mestre, rei e sacerdote universal, cabeça do novo e universal Povo dos filhos de Deus. Para isto Deus enviou finalmente também o Espírito de Seu Filho, Senhor e fonte de vida, o qual é para toda a Igreja e para cada um dos crentes princípio de agregação e de unidade na doutrina e na comunhão dos Apóstolos, **na fração do pão** e na oração (At 2,42) (LUMEN GENTIUM, n. 13, grifo nosso)

Para que esse Povo de Deus se mantenha coeso numa unidade na diversidade, Deus enviou o Espírito Santo, que age das mais diversas formas nos ministérios eclesiais, entretanto, é na liturgia que essa unidade se revela da maneira mais genuína. O Papa Francisco numa catequese recente – 3 de fevereiro de 2021 – sobre a oração, enfatiza a importância da oração na liturgia:

Na história da Igreja verificou-se repetidamente a tentação de praticar um cristianismo intimista, que não reconhece a importância espiritual dos ritos litúrgicos públicos. (...) O centro das críticas não era uma forma ritual particular, nem um determinado modo de celebrar, mas a própria liturgia, a forma litúrgica de rezar. (...) A oração dos cristãos passa por mediações concretas: a Sagrada Escritura, os Sacramentos, os ritos litúrgicos, a comunidade. Na vida cristã não prescindimos da esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo ela tornou-se o caminho da salvação. Poderíamos dizer que devemos rezar inclusive com o corpo: o corpo entra na oração. Portanto, não existe espiritualidade cristã que não esteja enraizada na celebração dos mistérios sagrados (FRANCISCO, 2021).

Essa explicação do papa se enquadra perfeitamente nesse tempo de pandemia no qual as transmissões virtuais podem influenciar os fiéis numa vida espiritual muito intimista e egoísta em contraponto a uma vida eclesial mais solidária e participativa. Os diversos canais de televisão ou as inúmeras *fanpages* e canais do *YouTube* podem se tornar uma espécie de “supermercado virtual” em que o fiel escolhe o que mais lhe apraz, negligenciando a realidade de sua paróquia e diocese, ou seja, sua verdadeira vida cristã que deve ser experimentada e

vivenciada com os seus irmãos e irmãs nas diversas pastorais e baseada numa comunhão com o pároco e bispo diante das necessidades da comunidade.

É importante frisar que “a liturgia é o ápice para o qual tende a ação da Igreja, e ao mesmo tempo é a fonte donde emana toda a sua força.” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, n. 1074). O próprio Catecismo o caracteriza como “lugar privilegiado da catequese do povo de Deus”. Isto quer dizer que é na liturgia que a Igreja se reúne de forma plena, lugar em que os fiéis se alimentam do Pão vivo descido do céu e da Palavra de Deus que exorta, corrige e liberta. Neste bendito lugar o batizado se sente parte de uma família chamada Igreja, da qual Jesus Cristo é a Cabeça e enquanto tal, age transformando os seus membros. Por isso, a participação na liturgia é imprescindível nesse ínterim de cada batizado, fazendo com que esse caminhar com Cristo e Sua Igreja o permita experimentar de forma plena o poder divino em sua vida.

1.1 LUGAR DE ENCONTRO

Na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia, é sublinhado o esforço missionário e apostólico da Igreja face a principal meta e fonte de onde advém toda a força – a liturgia: “o trabalho apostólico ordena-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Batismo se reúnam em assembleia para louvar a Deus no meio da Igreja, participem no Sacrifício e comam a Ceia do Senhor.” (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, n. 10). Percebe-se que um dos principais objetivos de toda e qualquer ação missionária ou apostólica é fazer com que os batizados estejam reunidos como família e assembleia na Santa Missa. O mesmo documento conciliar faz uma exortação e ao mesmo tempo um alerta aos pastores para que a participação na liturgia seja consciente, ativa e frutuosa:

Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar porque não só se observem, na ação litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosa. (SACROSANCTUM CONCILIUM, 1963, n. 11)

Tal participação deve estar imersa na sacralidade da liturgia, o que implica dizer que os vários aspectos que envolvem a ação litúrgica devem auxiliar o fiel a rezar, a encontrar-se com Aquele que é o sentido da liturgia, tais como: o espaço litúrgico, a música, o silêncio etc.

No documento n. 107 da CNBB sobre a iniciação à vida cristã, enfatiza-se a liturgia como lugar de encontro: “é preciso redescobrir a liturgia como lugar privilegiado do encontro com Jesus Cristo” (CNBB, 2017, n. 74). Nessa mesma linha de raciocínio, o Papa Francisco explica:

A liturgia, em si, não é apenas oração espontânea, mas algo cada vez mais original: é um ato que fundamenta toda a experiência cristã e, por conseguinte, também a oração. É acontecimento, é evento, é presença, é encontro. É um encontro com Cristo. Cristo faz-se presente no Espírito Santo através dos sinais sacramentais: disto, para nós cristãos, deriva a necessidade de participar nos mistérios divinos. Um cristianismo sem liturgia, ousaria dizer que talvez seja um cristianismo sem Cristo. Sem o Cristo total. (FRANCISCO, 2021)

No Catecismo da Igreja Católica, há menções semelhantes que evidenciam esse lugar de encontro, como o parágrafo 1153: “Uma celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo, e este encontro se exprime como um diálogo, mediante ações e palavras” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000).

Observa-se que esse encontro não se dá apenas na esfera individual, mas principalmente no aspecto eclesial quando os fiéis se reúnem em assembleia: “Na liturgia da nova aliança, toda ação litúrgica, especialmente a celebração da Eucaristia e dos sacramentos, é um encontro entre Cristo e a Igreja. A assembleia litúrgica tira sua unidade da “comunhão do Espírito Santo”, que congrega os filhos de Deus no único corpo de Cristo. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000, n. 1097).

1.2 LUGAR DE PERTENCIMENTO

A liturgia como lugar de pertencimento parte da premissa de que lá não me encontro ocasionalmente com Alguém, mas com Aquele que me é familiar, que faz parte de mim e eu, Dele. Na Missa, o fiel católico se sente parte de um todo, de uma família que na grande maioria das vezes não consegue apreender, pois é um grande mistério. Neste lugar há segurança como um porto em que atraco meu barquinho.

De acordo com Bento XVI, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, no n. 68, “o relacionamento pessoal que cada fiel estabelece com Jesus, presente na Eucaristia, recondu-lo sempre ao conjunto da comunhão eclesial, alimentando nele a consciência da sua pertença ao corpo de Cristo” (BENTO XVI, 2007). Anos antes, João Paulo II enfatizava a necessidade de observar com mais empenho da Eucaristia dominical na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*:

(...) ao traçar o caminho pastoral da Igreja no início do terceiro milénio, quis assinalar de modo particular a Eucaristia dominical, sublinhando a sua eficácia para criar comunhão: É o lugar privilegiado, onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada. Precisamente através da participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o dia da Igreja, a qual poderá assim desempenhar de modo eficaz a sua missão de sacramento de unidade. (JOÃO PAULO II, 2003, n. 41)

Essa consciência de pertencimento se dá principalmente na celebração dominical, como atesta o Catecismo da Igreja Católica no parágrafo 2182: “A participação na celebração comunitária da Eucaristia dominical é um testemunho de pertença e de fidelidade a Cristo e à sua Igreja.” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000). Nesse mesmo entendimento, a CNBB por meio do Documento n. 100 – Comunidade de comunidades, diz:

As comunidades eclesiais que se reúnem em torno da Palavra precisam valorizar o domingo, o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra com o Cristo. O domingo, para o cristão, é o dia da alegria, do repouso e da solidariedade. A celebração eucarística ou a celebração da Palavra é o momento mais importante da semana daqueles que participam das comunidades. (CNBB, n. 276)

No entanto, esse testemunho não ocorre sem um grande esforço de formação e orientação dos pastores junto ao povo. Nessa intenção, a *Sacrosanctum Concilium* aponta essa necessidade urgente e contínua de fazer com que os fiéis compreendam aquilo que experimentam:

É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos (...)” (SACROSANCTUM CONCILIMUM, n. 48)

Na verdade, ao passo que compreendem e experimentam o amor de Deus que se derrama plenamente na liturgia, os fiéis têm a possibilidade de crescerem em comunhão com a Trindade e com os irmãos que os circundam, permitindo que esse lugar de pertencimento seja cada vez mais um lugar em comum e de todos.

1.3 LUGAR DE CONSTITUIÇÃO DA IGREJA

Fazendo eco aos dois pontos já explicitados anteriormente – lugar de encontro e de pertencimento – entende-se que a liturgia também é lugar de constituição da Igreja, principalmente se formos nos debruçar sobre o início da liturgia e como ela se perpetuou ao longo dos séculos. De fato, na etimologia das palavras assembleia e Igreja encontra-se uma relação intrínseca, visto que igreja vem do grego *ekklesia* que significa convocação ou assembleia, sendo que esta tem origem na palavra *kaléo* (chamar). Na Septuaginta, o termo hebraico *qahal*, que designa a reunião do povo de Deus é traduzido também como *ekklesia*.

Na Antologia Litúrgica (2015, pp. 979-980) há dois trechos de duas cartas de Santo Agostinho que evidenciam a presença dos fiéis no templo como característica da presença

de Deus, ou seja, a participação e reunião do povo em assembleia é tida como uma condição essencial da Igreja: Carta 187 (Carta a Dárdano, ano 417) – “Deus habita em cada um como seus templos e em todos reunidos como num templo”; e Carta 190 (Carta a Optato de Milevi, ano 418): “À basílica chamamos igreja, porque contém o povo, e o povo é a verdadeira Igreja; com esse nome de igreja, isto é, do povo contido, se designa o lugar ou continente”.

O Papa João Paulo II em diversas ocasiões exortou os católicos a olharem com mais afincado para a liturgia, para Jesus Eucarístico, fonte de todo bem e sustentáculo da unidade eclesial, como na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*:

A aspiração por chegar à meta da unidade impele-nos a voltar o olhar para a Eucaristia, que é o sacramento supremo da unidade do povo de Deus, a sua condigna expressão e fonte insuperável (*Lumen Gentium*, n. 11). Na celebração do sacrifício eucarístico, a Igreja eleva a sua prece a Deus, Pai de misericórdia, para que conceda aos seus filhos a plenitude do Espírito Santo de modo que se tornem em Cristo um só corpo e um só espírito. (JOÃO PAULO II, n. 43).

Urge compreender que a unidade eclesial é característica substancial da constituição do ser Igreja, da união dos membros com a cabeça que é Cristo. Segundo Bento XVI na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*, n. 6:

Quanto mais viva for a fé eucarística no povo de Deus, tanto mais profunda será a sua participação na vida eclesial por meio duma adesão convicta à missão que Cristo confiou aos seus discípulos. Testemunha-o a própria história da Igreja: toda a grande reforma está, de algum modo, ligada à redescoberta da fé na presença eucarística do Senhor no meio do seu povo. (BENTO XVI, 2007)

Paradoxalmente, a participação na liturgia une o fiel a Igreja como um todo e ao mesmo tempo a sua realidade eclesial particular, sem excluir nenhuma delas, pois fazemos parte de uma só família e povo de Deus. Nesse contexto, Ratzinger (2010, p. 37) nos conduz a refletir sobre a nossa relação com a Liturgia que vai muito além das minhas próprias necessidades:

A Liturgia cristã nunca é cerimónia de apenas um determinado grupo, círculo ou de uma determinada igreja local. O caminhar da Humanidade, rumo a Cristo, é o caminhar de Cristo rumo aos homens. A sua vontade é unir a Humanidade e gerar uma única igreja, uma única reunião de Deus com todos os homens. (RATZINGER, 2010, p. 37)

Sendo assim, a vida litúrgica nos possibilita experimentar a autenticidade da vida cristã imersa no Mistério de Deus ao ponto de unir-me a tantos que desconheço e a diversos outros que padecem as agruras do cotidiano comigo. Na liturgia podemos vivenciar plenamente as virtudes teológicas – fé, esperança e caridade – até que um dia cheguemos à meta

final, lugar em que a liturgia se pereniza e subsiste integralmente a Caridade, o Amor que é Deus!

CONCLUSÃO

Diante do exposto em que pretendeu-se evidenciar a relação entre a liturgia e o Povo de Deus, sendo aquela um verdadeiro lugar de encontro, de pertencimento e de constituição da Igreja, especialmente quando observadas as situações que envolveram o período da pandemia, ressaltamos nosso entendimento apoiado nos documentos do Magistério a respeito da importância da liturgia na vida eclesial e por que não dizer, na vida de cada fiel individualmente. Como disse um advogado numa sessão do Superior Tribunal Federal a respeito do fechamento dos templos no Brasil, “Eucaristia não se faz por fibra ótica”. Nesse sentido, os efeitos pós pandemia podem trazer tristes consequências para a vida eclesial das nossas paróquias e dioceses com essa “onda virtual espiritual” se não forem bem orientadas e exploradas adequadamente. Alguns dos atuais desafios que podem ser elencados são: um devocionismo exacerbado, uma concepção caricaturada da fé, falta de sentimento eclesial e comunitário, isolamento social/eclesial e por fim, um esfriamento e perda da fé. Por outro lado, pontos positivos também podem ser observados, sendo inclusive sugestão para uma investigação mais detalhada sobre o assunto.

Finalmente, deve-se levar em consideração que todos esses desafios se contrapõem a unidade e comunhão, características substanciais da vida eclesial, todavia, reforça-se a concepção da importância da vida litúrgica para todo a Igreja.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis de Sua Santidade Bento XVI ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. 22 fevereiro 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 02 set. 2021.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CNBB. Iniciação à Vida Cristã. Documentos da CNBB n. 107. Brasília: Edições CNBB, 2017.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. 21 novembro 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 03 set. 2021.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia. 4 dezembro 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 03 set. 2021.

FRANCISCO. Audiência Geral: Catequese 23 – Rezar na Liturgia. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210203_udienza-generale.html>. Acesso em: 02 set. 2021.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* do Sumo Pontífice João Paulo II aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. 17 abril 2003. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html>. Acesso em: 03 set. 2021.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 3. ed. Prior Velho: Paulinas, 2010.

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA. *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. 2. ed. Fátima: 2015.

TRESE, Leo J. *A fé explicada*. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 1999.